

**1ª Promotoria de Justiça de Iguatu****EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA 1ª VARA CRIMINAL DA COMARCA DE IGUATU.**

Nº MP: 08.2019.00207855-5.

Nº Judiciário: 0000587-52.2010.8.06.0091.

Ação: Ação Penal - Procedimento Ordinário

Réus: Antônio Zilmar da Silva, Cícero Santiago Alves de Lima, Francisco Aldemir Alves Amorim, Juliene Bernardo da Silva e Theogenis Martins Teixeira Florentino.

ALEGAÇÕES FINAIS EM MEMORIAIS

O MINISTÉRIO PÚBLICO ESTADUAL, por intermédio do Promotor de Justiça *“in fine”* firmado, no uso de suas atribuições constitucionais e legais, principalmente as esculpidas no art. 129 da Constituição Federal de 1988, vem, respeitosamente, perante Vossa Excelência, apresentar, de acordo com o artigo 403, parágrafo 3º do Código de Processo Penal, memoriais em substituição às alegações finais orais.

1 - RELATÓRIO:

De início, frise-se que o processo está em ordem, os réus foram denunciados por este *Parquet* no dia 03 de abril de 2013. Denúncia recebida no dia 13 de junho de 2013, conforme fls. 327/328. Defesa Preliminar de **Francisco Aldemir Alves Amorim** apresentada às fls. 333/343, de **Cícero Santiago Alves de Lima** às fls. 345/355, **Juliene Bernardo da Silva** às fls. 367/374, **Antônio Zilmar da Silva** às fls. 388/399 e **Theogenis Martins Teixeira Florentino** às fls. 427/435. Realizadas audiências de instrução, nas quais foram ouvidas às vítimas, às testemunhas e feito o interrogatório dos réus, como se verifica na mídia em anexo.

Em seguida, vieram os autos para oferecimento de alegações finais.

Eis o relatório do necessário.



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

2 - DA SINOPSE FÁTICA

Narra a denúncia que no final da noite do dia 11 de fevereiro de 2010, por volta das 23:30 da noite, e madrugada do dia 12 do mesmo mês e ano, até por volta das 03:00 horas, os acusados, com unidade de desígnios, sequestraram, agrediram, torturaram e lesionaram às vítimas Vicente Batista de Araújo Júnior, Valdemir Fernandes Lima, Lucas de Queiroz Fernandes, Valdenio Augusto Freire e Vandeilson Augusto Freire, conforme testifica os Autos de Exames de Corpo de Delito dos ofendidos, respectivamente, às fls. 17, 16, 15, 212 e 211.

Estas foram primeiramente abordadas na Rua Floriano Peixoto, nas proximidades da Equipadora Moreira, à época do fato, e da chamada "Praça dos Prefeitos", no centro dessa cidade, por volta das 23:30, por Francisco de Assis Alves Bandeira (Bandeira), que também foi denunciado, mas faleceu, conforme certidão de óbito à fl. 439, Theogenis Martins Teixeira Florentino, Aldemir Alves Amorim (Demir) e Cícero Santiago Alves de Lima (Santiago/maqueiro).

Nessa ocasião, conseguiram correr para a Pizzaria Paulista, situada na Praça da Matriz, às vítimas Lucas de Queiroz Fernandes, Valdenio Augusto Freire e Vandeilson Augusto Freire e, ainda, Marcos Vinícius Pereira Siqueira. Já Valdemir Fernandes Lima (Bibi) e Vicente Batista de Araújo Júnior (Jornalista) não conseguiram se dispensar dos acusados, então, de pronto e por meio de violência física perpetrada por Demir, Theoginis e Santiago, foram agredidos e arremessados dentro do carro onde já se encontravam dois seguranças, e levados para o antigo terreno do Iguatu Festeiro, lugar que foram encapuzados, amarrados, despídos e violentados de maneira brutal.

A segunda abordagem, que aconteceu na Pizzaria Paulista, com as vítimas que conseguiram se dispersar, desta feita, por Bandeira e pelos acusados Antônio Zilmar da Silva, Francisco Itailton Neves, que também veio a falecer, certidão de óbito às fls.1347/1348, e Juliene Bernardo da Silva (Potó), ocasião em que munidos por armas de fogo coagiram os jovens a entrarem dentro do carro e caso não fizesse o que esses ordenavam, os matariam. Vale destacar que Marcos Vinícius não foi levado porque conseguiu se esconder dentro do **banheiro** do estabelecimento, evitando assim o seu sequestro.



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

Os jovens foram levados à Delegacia Regional de Polícia Civil. O sistema de filmagem instalado na Delegacia registrou a chegada dos acusados Bandeira, Itailton e Juliene (Potó) nesta às 23:40 horas do dia 11/02/2010, os quais utilizavam um veículo Palio, conduzindo às vítimas Lucas, Valdenio e Vandeilson, conforme imagens contidas no DVD acostado ao Inquérito Policial que embasa a presente delação.

As nominadas vítimas ficaram sentadas em um banco existente no pátio externo da Delegacia, sob a vigilância dos acusados Itailton e Juliene (Potó), enquanto o Bandeira adentrou à Delegacia de Polícia, ocasião em que falou com o policial civil plantonista Francisco Sérgio, sendo que às 23:44 horas o acusado Bandeira saiu do interior da Delegacia, manteve por alguns minutos contato telefônicos por aparelho celular para, em seguida, no mesmo veículo, sequestrar juntamente com os acusados Itailton e Juliene (Potó) os referidos jovens e levá-los inicialmente para o mesmo local onde já estavam sequestradas às vítimas Vicente Batista de Araújo Junior e Valdemir Fernandes Lima (Bibi).

Por ocasião da saída da Delegacia de Polícia, a imagem mostra que o veículo Palio utilizado pelos acusados Bandeira, Itailton e Juliene (Potó) é seguido e acompanhado por uma moto e um outro veículo, os quais dão cobertura ao sequestro das citadas vítimas, que durante todo percurso foram ameaçadas e violentadas com chutes, murros e diversas coronhadas de arma de fogo na cabeça.

Ao chegarem no primeiro destino, encontraram Vicente e Valdenio (Bibi) encapuzados e já severamente machucados, ocasião em que também foram rapidamente despidos e encapuzados.

No mesmo carro às cinco vítimas sequestradas foram levadas à rodovia estadual que liga Iguatu a Jucás, proximidades do Distrito de Barro Alto, onde em um terreno baldio às margens da mencionada rodovia estadual foram agredidas, espancadas, violentadas e torturadas com socos, murros, chutes, pontapés, ameaça de morte, apanharam com cinto resultando em graves lesões tanto físicas como psicológicas.

As vítimas sequestradas e torturadas sofreram inúmeros tipos de agressões, violência e constrangimento físico, moral e psicológico, ao ponto de deitadas no chão e **totalmente indefesas urinarem** nos seus rostos, ainda por cima despidos e seminus, **alguns**



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

apenas de cueca, retiraram os seus pertences, como aparelhos celulares, roupas, relógios, documentos e dinheiro.

Ademais, quando foram socorridos por policiais militares acionados pelo COPOM, por volta das 3:00 horas da madrugada do dia 12 de fevereiro de 2010, apresentavam todos sinais visíveis de espancamento e lesões corporais.

O sistema de filmagem da Delegacia de Polícia registrou também a chegada das vítimas juntamente com os policiais militares que os socorreram, por volta das 03:20 horas daquela madrugada, sendo a última vítima, Valdemir Fernandes Lima, localizada e socorrida pelos policiais militares já por volta de 5:00 horas, apresentando visivelmente sinais de muita dor, caminhando e falando com dificuldades, o que foi cabalmente confirmado pelos policiais militares que fizeram o socorro deste.

A motivação para tamanha barbárie foi pelo simples fato das vítimas naquela noite estarem distribuindo panfletos pelas ruas de Iguatu relacionados, à época, ao ex prefeito Municipal Agenor Gomes de Araújo Neto e atual Deputado Estadual, e ao pai deste, à época, Deputado Estadual José Ilo Alves Dantas, exercendo todos os acusados, naquela ocasião, funções junto a Prefeitura Municipal de Iguatu, na Guarda Municipal, Chefia de Gabinete e Secretaria Executiva.

Resultou ainda devidamente apurado nos autos que o objetivo do sequestro e tortura era para obter das vítimas a confissão de quem eram os responsáveis e mandantes pela distribuição dos referidos panfletos, que sequer chegaram a ser distribuídos.

3 - DA AUTORIA, DA MATERIALIDADE E DAS PROVAS

A materialidade e autoria do grave, dantesco e chocante fato criminoso, bem como a participação dos acusados, resultaram sobejamente comprovados nos autos com a conclusão do inquisitório policial e com diligências posteriores relacionadas à quebra de sigilo telefônico do acusado Bandeira, além dos Autos de Exames de Corpo de Delito dos ofendidos, às fls. 15, 16, 17, 211 e 212.

Além disto, às imagens obtidas pelo sistema de filmagens da Delegacia de



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

Polícia, registrando os passos e momentos de parte das vítimas e de alguns dos acusados, antes e depois da tortura, e as declarações dos policiais militares que fizeram o atendimento das vítimas reforçam e fortalecem o conjunto probatório quanto a efetiva ocorrência das práticas criminosas do sequestro e da tortura, bem como a participação dos acusados.

O representante do Ministério Público arrolou as seguintes testemunhas: José Marcelo Bezerra (inspetor da polícia civil), Marcos Roberto Alves Batista (PM), Francisco Antônio Barbosa do Nascimento (PM), Marcos Vinícius Pereira Siqueira, Francisco Wellington Primo de Almeida (inspetor da polícia civil), Francisco Sérgio Bandeira de Moraes (inspetor da polícia civil) e às vítimas Vicente Batista de Araújo Júnior, Valdemir Fernandes Lima, Lucas de Queiroz Fernandes, Valdenio Augusto Freire e Vandeilson Augusto Freire.

O Policial militar Francisco Antônio Barbosa do Nascimento, afirmou, em suma:

“[...] (...) No dia quem tava em serviço era eu e Roberto, nós fomos acionado pelo COPOM, que tinha duas pessoas na proximidade do Bairro Alto e que estavam desaparecidas, aí nós nos deslocamos até lá, aí quando nós chegamos lá no local lá, já próximo há uns 5 km do Bairro Alto, nós paramos porque a sirene não tava funcionando. Na hora que eu desci e ajeitei, aí a gente se deparou com uma pessoa vindo do mato só de cueca, aí acenou com a mão, aí falamos com ele sobre os fatos e ele disse que tinha sido levado pra lá, aí eu perguntei quem tinha feito aquilo com eles, aí segundo ele tinha sido Theoginis, Demir e outro que eu não tô lembrando aqui. Daí eu perguntei por qual motivo eles tinham feito aquilo, aí ele disse que foi porque tava fazendo umas panfletagens e que os acusados tinham pegado eles ali perto da FM, da antena sul. Aí trouxemos eles pra delegacia, inclusive parece que tinha um que era até jornalista, se identificou-se que era jornalista, aí pedimos a eles que acionassem as pessoas que eles tavam **trabalhando**, procurasse a assessoria jurídica dele pra entrar na



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

delegacia pra fazer os procedimentos, exame de corpo de delito e tudo mais. Que eu lembre foi isso. (...) As informações que recebemos do COPOM foi que uma pessoa tinha ligado pra lá dizendo que tinha umas pessoas desaparecidas e que essas pessoas tinha feito contato dizendo que estava nas proximidades do Bairro Alto, tava eu e o soldado Roberto na viatura, fomos até lá e realmente constatamos que essas pessoas estavam lá, inclusive só de cueca, seminus. Aí nós conduzimos eles pra delegacia. Eles nos relataram que tinham sido torturados, apanhado do pessoal da prefeitura, o Demir e o Theoginis, ele até disse 'rapaz, o Demir e o Theoginis me bateram'. Ah! Eles também mencionaram que sargento Bandeira também tava. (...) A gente encontrou primeiramente um perto do posto da SEFAZ, acho que era filho da Dona Lúcia. Eu não sei se ele pegou carona ou ele veio a pé. Encontramos ele no posto, aí seguimos pra lá porque ele disse que os outros tinham ficado nas proximidades do Bairro Alto, aí quando chegamos lá a gente encontrou mais um, agora não tô lembrando se foi um ou se foi dois, só sei que encontramos ele lá e ele se identificou como jornalista, tava só de cueca na beira da estrada. Ele tava dentro do mato, aí quando percebeu que o carro dava vindo veio pra beira da estrada, porque viu a viatura funcionando aí ele saiu, veio de encontro a gente. (...) Eles nos relataram que tinham apanhado, que eles tinham levado eles pra lá e tinham batido muito neles, que tinham urinado na cara deles. (...) Nós perguntamos o motivo, aí eles disserem que foi porque eles tavam fazendo a panfletagem de um candidato da época, que se não me engano era Marcelo, Miriam, aí eles tavam fazendo essa panfletagem ali perto do Esplanada, aí segundo eles saíram correndo e foram abordados ali na praça perto da antena sul. O que eles contaram foi isso.

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

Abordaram, tomaram os panfletos e tudo. (...) As vítimas me falaram que quem tinha feito aquilo com ele foi Demir, Theoginis e o Bandeira. Eu até perguntei se ele tinha certeza, aí ele disse que sim porque já tinha trabalhado com eles na prefeitura e ficava dizendo que não acreditava que eles tinham feito aquilo com ele, que não esperava. (...) O último rapaz que a gente encontrou tava todo intanguido de dor, com marcas de pé nas costa, de sapato, tava andando bem devagarzinho por causa da dor. Acho que esse era o jornalista. (...) Primeiro eu encontrei o filho da Dona Lígia, depois mais dois já nas proximidades do Bairro Alto, numa descida. (...) Todos eles estavam com marcas de que foram espancados, aí esses dois aí eram os que tavam mais machucados, andando com muita dificuldade, dava pra ver visivelmente a marca de pé e de sapato nas costas deles, como se tivesse sido pisado. (...) Eu cheguei a ver umas filmagens onde chega um palio acho que cor prata, senão me engano, e parece que umas motos na frente da delegacia. Vi essas filmagens depois dos fatos de que eles antes disso acontecer alguns foram levados pra delegacia. (...) A gente trouxe pra delegacia três vítimas (...) [...]”.

O policial militar, Marcos Roberto Alves Batista, em seu depoimento, corroborou com a versão dada por Francisco Antônio Barbosa do Nascimento, no entanto não lembra das vítima terem dito quais pessoas teriam mandado elas fazerem a panfletagem.

O inspetor de polícia, Francisco Wellington Primo de Almeida, ouvido em sede de audiência, disse, em síntese:

"[...] (...) Por volta de 2010, se encontrava na delegacia a minha pessoa, o inspetor Sérgio Bandeira, o inspetor Marcelo, o escrivão Narcélio e o inspetor Ilton. Doutor Agenor havia viajado pra Quixadá e iria chegar na manhã seguinte. Num dia da semana, por volta das 20:00 horas, eu me encontrava conversando com o inspetor Marcelo, o escrivão Narcélio e o



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

inspetor Ilton e o inspetor Sérgio Bandeira tava mais na frente assistindo televisão. Nesse momento entra o Bandeira, que cumprimenta a nós que estávamos conversando, foi em direção ao inspetor Sérgio Bandeira e conversou com ele. Nós não demos atenção porque a gente achou que era uma conversa normal de polícia, uma coisa natural. A conversa entre eles foi curta, ele saiu daquele recinto lá área interna da delegacia e saiu. Eu vi os carros saindo, mas achava que fosse uma coisa natural. Quando foi por volta de umas 23:00 e pouco, meia noite, nós começamos a receber ligação falando de uns rapazes que tinham desaparecido e que alegava que era a guarda municipal que tinha detido esses rapazes e tavam rodando com eles pelas ruas. E a gente lá na delegacia decidiu aguardar mais um pouquinho porque a gente pensou que eles pudessem trazer os rapazes aqui. Quando foi por volta de 05:00 da manhã, acho que ainda tava de madrugada, o Barbosa chega com dois rapazes, uns rapazes seminus, se não me engano tinha um só de cueca. Esperamos doutor Agenor chegar pra tomar as providências necessárias e o escrivão chegava por volta de umas 08:00 da manhã. (...) As vítimas nos relataram que tinham sido espancadas pela Guarda Municipal de Iguatu, falaram também que tavam num terreno ermo pro lado do Bairro Alto, é tanto que eles disseram que quando foram liberados lá, eles ficaram perdidos, mas foram caminhando até chegar numa estrada lá, aí eu não sei se foi nesse momento que o Barbosa encontrou eles lá. (...) Tinha um banco de madeira bem próximo a porta da delegacia, aí quando eles chegaram com o Barbosa, tinha um que nem conseguia respirar direito e eles tinham muitas lesões, eram bem aparentes. (...) Cheguei a ver as imagens das câmeras, essas imagens foram de grande valia, dá pra ver que o sargento Bandeira chega de carro, sobe o carro numa ranpazinha que tinha, que dava acesso pra uma garagem, estaciona e as pessoas que estavam dentro do carro com ele, ele manda que sentem num banco de cimento que tinha de baixo de uma árvore lá, as pessoas sentam... As câmeras mostram claramente ele adentrando no recinto interno da delegacia, ele nos cumprimenta, indo até um Serjão, mostra que ele conversa pouco tempo com o Serjão. E mostra

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

que na saída chega mais um veículo, estaciona na traseira do carro que já estava estacionado lá e saem os dois veículos. Dá pra ver que a Guarda saiu em dois veículos, eles conversam e saem. Os rapazes que estavam sentados se levantam e entram dentro do carro. A dinâmica é essa aí que a gente vê nas filmagens. (...) Dava pra ver que na hora que os rapazes estavam lá fora sentados no banco tinha umas pessoas ao redor deles, tipo vigiando eles, dava pra perceber que os rapazes não estavam bem a vontade. (...) Quando elas chegaram de manhã com o Sérgio Barbosa, elas narraram que foram agredidas pelos guardas municipais, que estavam rodando desde cedo, que eles (os guardas) pegaram eles (vítimas) desde cedo e estavam rodando. (...) Recordo que o sargento Bandeira estava agregado na polícia militar, parece que ele já tinha dado entrada na aposentadoria, não sei direito. E tinha sido nomeado pela prefeitura pra ser chefe da Guarda Municipal. (...) Eu não cheguei a ver os rapazes quando o Bandeira os levou à noite, o lugar que o Bandeira deixou eles era impossível de vê-los, esse banco externo que os rapazes ficou já ficava perto da garagem. (...) O sargento Sérgio comentou que o Bandeira havia dito pra ele que tinha uns rapazes panfletando no centro de Iguatu contra uma determinada pessoa, acho que era algum político, não sei direito, e que ele (Bandeira) estava em busca de deter essas pessoas e levá-los pra delegacia, aí o Sérgio Bandeira disse que se ele conseguir encontra-los, você traz eles aqui pra delegacia pra gente tomar as medidas necessárias. Isso as vítimas já estavam lá fora, mas ele em nenhum momento apresentou elas pra gente, ele falava que estava a procura, mas já estava com as vítimas lá fora. (...) [...]"

O outro inspetor, José Marcelo Bezerra, em seu depoimento, ratificou a versão dada pelo inspetor Wellington Primo, acrescentado ainda que o sargento Bandeira em nenhum momento apresentou algum panfleto que confirmasse a suposta panfletagem, crime eleitoral, e que soube que o conteúdo dos panfletos era de cunho político. Ainda afirma que às vítimas ao chegarem à delegacia mencionaram os responsáveis pela prática criminosa, qual sejam Demir, Theoginis, Tiago e Bandeira.



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

O amigo das vítimas, Marcos Vinícius Pereira Siqueira, que estava juntamente com estas nos atos iniciais da prática criminosa, mas conseguiu se esconder, disse, em sede de audiência, em suma:

"[...] (...) Primeiramente quero dizer que como já passou muito tempo, eu não me lembro de todos os detalhes. A parte que mais me lembro foi a que eu consegui escapar, que eu fugi do Theoginis e corri até a pizzaria e me escondi lá. (...) Como foi dito, a gente foi convidado pra fazer esse trabalho de panfletagem, aí aconteceu isso, a gente nem conseguiu entregar. Eu acho que foi o doutor Marcelo Sobreira que contratou. (...) Tava comigo naquele dia o Valdemir, o Vicente, o Valdênio, o irmão do Valdênio. Os acusados chegaram num carro branco, acho que era um fiat branco e fizeram a abordagem. Se não me engano, tinha umas quatro pessoas dentro do carro, foi o Theoginis que me segurou pelo braço, mas eu consegui escapar dando uma cotovelada e corri até a pizzaria me escondendo lá, foi até na pizzaria paulista. (...) Depois chegou mais três meninos o Valdênio, o irmão do Valdênio e o Lucas, aí um carro chegou em seguida e chamaram eles pra entrar dentro desse carro e eu tava dentro do banheiro escondido. Daí quando eles saíram, eu saí do banheiro e fui pra casa, consegui escapar. Depois fui com Epifânio pra casa, ele ficou ligando pra polícia, acho que naquela época, eu não tinha nem celular. (...) Eu fiquei apavorado, tentando com Epifânio ligar pra polícia pra falar dos meninos. Depois, no outro dia de manhã cedo, eu tomei conhecimento que os meninos foram torturados. Eu cheguei a ter contato com os meninos após o fato, mas a gente não toca no assunto, eles só me contaram que foram muito agredidos.

Não há nada nos autos que aponte no sentido de que os policiais, de alguma maneira ou por qualquer motivo que seja, quisesse prejudicar o acusado.

No que diz respeito ao depoimento da vítima Valdemir Fernandes Lima (Bibi), esta afirmou que:

"[...] (...) “Naquela noite, eu tava saindo do meu emprego na panificadora domingo e tinha fechado a padaria e tava deixando um restante de salgado



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

na outra padaria. Eu fui deixar esse material na panificadora, lá no centro, na volta eu vim pela Praça da Matriz e estava esses meus colegas: o Vicente, o Valdenio, o irmão do Valdenio e mais dois colegas, Marcos Vinícius e o Lonivon, tavam na pizzaria Paulista, ai eles me chamaram e eu parei, sentei e comecei a conversar com eles. Daí eles me falaram que iriam distribuir um material que era os panfletos, aí perguntei o que seria esse panfletos e o Vicente falou que era relação as carteiras do prefeito e tal, aí eu até falei pra ele que não podia ficar ali porque de manhã cedo, por coincidência, não sei se foi o destino, nesse mesmo dia era meu segundo dia de trabalho na panificadora e o meu primo Carlin estava na prefeitura e tinha ido atrás de mim pra eu trabalhar na prefeitura, na Secretaria de Cultura, mandou eu ajeitar toda documentação pra eu levar e no dia seguinte eu teria uma reunião com o doutor Zé Ilo na casa dele, 09:00 da manhã. Aí eu expliquei pro Vicente que não podia ficar por causa dessa reunião, que já presto serviço na prefeitura e vou começar a trabalhar lá. Aí eu não posso fazer isso porque vou começar a trabalhar lá, não posso me meter nisso. Pedi pra Lonivon me deixar em casa, pra poder me retirar, aí o Vicente disse que iria comigo até ali já que iria distribuir o material com os meninos. E assim que a gente já atravessando a praça da matriz, o Lonivon foi buscar a na moto dele que estava no gula gula do outro lado da praça, quando eu fui conversando com o Vicente, que o Vicente sempre foi uma pessoa que sempre me ajudou nas coisas da quadrilha, com verba, fomos conversando, foi aí que nós fomos abordados na rua do Esplanada, o Vicente tava com esses pacotes de panfletos, não cheguei nem a ver esses panfletos, não sei nem como é esses panfletos. Fomos abordados por um FIAT branco, quando o Lenivon passou na moto e disse pra gente correr porque os homens estavam vindo. Eu fiquei no meu lugar porque não sabia o que estava acontecendo, Vicente correu com esses panfletos e foi derrubado por um rapaz que foi de moto, o maqueiro, que o espancou no meio da rua. Em seguida veio até mim o Theogins e o Demir, que desceram do carro e já foram **pegando na minha mão, me botando dentro** do carro e me chamando



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

de covarde, dizendo que eu tava traíndo desonrando o prefeito e tal, e eu perguntando o que estava acontecendo, foi daí que começou a ter a sessão de tortura no próprio carro, tinha dois seguranças atrás e eles começaram a me espancar. Dizendo eles (os seguranças) que tinham vindo de Fortaleza, que estava em casa descansando, e tinha vindo justamente por causa de safadeza, foi aí que começaram a me espancar. E foi aí que pegaram o Vicente e jogaram dentro desse carro, e em seguida saíram dando volta dentro de Iguatu, perguntando quem tinha mandado. Eu todo tempo dizia que não tinha a ver e me perguntavam também porque estava fazendo isso, aí eu dizia: rapaz, eu vou trabalhar com vocês, não tenho a ver com isso. Mas quanto mais eu falava, mais eles ne batiam dizendo que eu tinha traído eles, que eu estava poluindo a imagem do prefeito e do pai do prefeito. Aí foi aí que eles levaram a gente pro terreno do Iguatu festeiro e lá mandou a gente tirar a nossa camisas e nos vendaram mandando a gente se abaixar. E passamos horas e horas esperando e eu só via eles mesmo conversando e a gente na sessão de tortura lá atrás apanhando desses seguranças. Foi quando eu ouvi, que o Demir fez a ligação dizendo traga eles pra cá e foi aí que chegaram com os outros meninos em outro carros rodando dentro de Iguatu, sem saber onde a gente tava porque a gente tava abaixado, parava no sinal e a gente não podia levantar a cabeça, era só apanhando. E eu não sei por quantas horas eles ficaram rodando com a gente, foi aí que levaram pra um local tipo fazenda, não me lembro bem, sei que era no meio de um monte de animais, era num curral cheio de vacas, cheio de esterco animal. Jogaram a gente lá no chão no meio dessas bostas de vacas e começaram a pisar na nossa cabeça, urinaram nas nossas cabeça, saíram arrastando, pisando em cima da gente, espancaram demais até com um pedaço de madeira pra gente dizer quem tinha mandado, quando a gente tava ganhando e por que a gente tava fazendo aquilo, cada um fazia sua defesa. Eu todo tempo dizia o nome das pessoas de Theogines e Demir, porque eram as pessoas que me pegaram e eu vi que eu conhecia, que eu trabalhei em outras campanhas com eles e eu tinha conhecimento de quem tava me pegando, de quem tava me batendo, aí



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

eles diziam 'aqui não tem Theogines e nem Demir, tamo aqui é pra fazerem vocês pagarem o que vocês estão devendo.' Mas eu ouvia a voz deles, do Theoginis e do Demir, os autores que me também me batiam. E teve outro que subia em cima de mim, ficava em pé, esse aí era o Bandeira. Ele me chamava de caba sem vergonha e me batendo e perguntando o por que eu tava panfletando esses panfletes e por que eu tinha traído eles. Foi até aí o momento que eles atiraram para cima e diziam 'olha vou matar agora seu colega, vou matar agora o Vicente, e o próximo é você, diga logo quem mandou e quanto vocês receberam'. Daí a gente passou mais de hora recebendo essa sessão de tortura e todo tempo eles atirando e dizendo que iriam matar a gente, foi nessa hora que eles pegaram a gente e colocou dentro do carro, isso a gente, foi nessa hora que eles pegaram a gente e colocou dentro do carro, isso a gente sem roupa e disseram pra dá fim primeiro ao Lorin, que foi ele que nos traiu, daí eles rodaram, rodaram e eu não sei onde eles me soltaram. Só sei que foi numa estrada de terra e disseram 'agora se ajoelhe e peça perdão de tudo que você fez'. E foi aí que eles atiraram pra cima, me deram uma pancada na cabeça que eu desmaiei, quando eu tornei já foi o dia amanhecendo, tirei a venda e saí correndo por dentro das matas. Foi quando eu cheguei numa casa, casinha de táipa, pedi socorro nessa casa, o senhor pediu pra eu ir até lá, aí eu disse que tava sem roupa, ele então levou uma toalha, me socorreu, me deu uma roupa e perguntou o que tinha acontecido, se eu era uma das vítimas que tinha sido assaltada, aí eu disse que não era e fui relatar. Disto ele disse que tinha chegado dois rapazes seminus e também muito machucados e disseram que tinham sido assaltados. Esse senhor foi de cavalo até o Bairro Alto pra ligar de orelhão pra poder chamar a polícia, aí a polícia foi lá e me socorreu e eu cheguei mais ou menos umas 06:00 da manhã na delegacia, fiquei lá até dá o meu depoimento, depois fiz exame de corpo de delito e foi tudo isso que aconteceu. São coisas que eu não gosto mais nem de tá relatando porque machuca muito, até hoje eu tô sendo muito prejudicado, tô desempregado nem só eu como os meus colegas, a gente não conseguiu emprego nesse



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

Iguatu. Fui prejudicado, passei 3 anos morando em Fortaleza, porque não podia ficar aqui, tá com 2 anos que eu voltei pra Iguatu, continua sendo a mesma coisa, o pessoal não consegue emprego, porque a primeira coisa que pergunta é se a gente é um dos rapazes envolvidos na tortura e fica aquela coisa. Aí os preconceitos ficou demais, tanto na parte física como na aparte moral e é uma coisa que me machuca demais. Num primeiro momento foi eu e Vicente, os outros ficaram na pizzaria pagando a conta. No primeiro momento foi abordado só eu e Vicente e fomos jogados nesse FIAT branco e levado até o Iguatu Festeiro (...) O maqueiro estava na mota, no momento que ele abordou o Vicente, já veio agredi-lo, agrediu o Vicente com o capacete, derrubou o Vicente e começou a espancar ele na frente do Esplanada com um capacete (...) No FIAT desceu 2 seguranças com o Theoginis e o Demir assim que desceram reconheci o Theoginis e o Demir, reconheci porque já tinha trabalhado em campanhas políticas com eles (...) tanto eu como Vicente, fomos agredidos dentro do carro até o terreno do Iguatu Festeiro, eles faziam perguntas e nos agredia dentro do carro. (...) Depois chegou outros 3 em outros carros, vários carros, a gente não podia nem vê porque a gente tava abaixado, mas chegaram outros carros e em seguida rodaram com a gente até nos levar pra outro, pra outro terreno que a gente não sabia onde era (...) Lá no terreno do Iguatu Festeiro a gente não desceu do carro, ficamos todo tempo com os dois seguranças, eu e Vicente no meio e um segurança na porta de um lado e o outro na porta do outro lado, para que a gente não pudesse sair do carro (...) No percurso a gente já ia de cabeça baixa, aí lá eles encapuzaram a gente. mandaram a gente tirar as blusa, rasgaram as blusa e encapuzaram a gente pra que a gente não visse o que acontecia (...) eles nos encapuzaram com nossas próprias camisas, isso já depois que os outros chegaram (...) Eu reconhecia por voz o Theoginis e o Demir que era as pessoas mais ligadas porque já trabalhei com eles. Mas antes eu tinha visto eles porque quando Theoginis pegou na minha mão eu até falei 'que isso Theoginis? O que tá acontecendo?' Aí quando eles falaram dentro do carro eu disse que não tinha nada a ver com isso, que eu tava

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

apenas jantando com os meninos (...) Na hora da abordagem o Demir segurou no meu braço e me colocou dentro do carro (...) A conversa que eles dizem depois que os outros meninos chegaram 'tragam eles pra cá, porque o doutor mandou a gente providenciar o que tem que ser feito' era isso que eu ouvia deles, o Theoginis e o Demir falando. Quando chegou os outros 3 eu só ouvia eles falando assim 'os homens tão sabendo, vamos ter que sair daqui, os homens tá a procura deles'. Eu acho que os homens que eles tavam falando era a polícia, que naquele momento a polícia já tava sabendo. Aí saíram rodando com a gente e quando chegou lá eu ouvia eles ligando e perguntando ao doutor o que era pra ser feito, porque eles não dizem o nome, só diziam 'doutor'. 'doutor, o que é que a gente faz agora', foi aí que começou a sessão de tortura. E quando a gente tava lá chegou mais carros e fizeram um círculo de carro com a gente no meio desses carros, onde chegou muitas pessoas. E tinha uma pessoa lá de peruca, que a gente via assim que a gente tava sendo torturado quando tava sendo puxado, e tinha uma pessoa que ficava fazendo perguntas. Que o Lucas não ficou com a gente lá no chão sendo espancado, ele ficou sentado perto de um pneu de carro, onde eles espancavam o Lucas e faziam perguntas, como quem tinha mandado, aí o Lucas falou que tinha sido fulano de tal, doutora Thais, doutor Marcelo, coisas que não tinham nada a ver com o momento em que a gente tava sendo torturado. E essa pessoa que eles chamam de doutor era que fazia as perguntas e eles gravando, e a pessoa só perguntando "diga quem foi que mandou vocês fazerem isso? Quanto vocês receberam." Enquanto eles faziam essas perguntas pro Lucas, a gente continuava sendo espancado. (...) O tempo todo eles ficavam se comunicando pelo celular, ligando e recebendo ligação, ligando pro doutor. Tinha hora que a gente ouvia eles falando com o Bandeira, perguntando onde é que eles estavam, porque quem trouxe os meninos foi o Bandeira. Então era todo tempo perguntando se eles tavam perto porque os homens já tavam sabendo, não paravam as ligações. Elas pararam mais quando a gente chegou no local, que chegou esses carros com essa pessoa, que eles se **direcionavam** a essa pessoa como doutor. (...)

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

A gente não foi torturado no Bairro Alto, eu acho que foi naquele parque de vaquejada da varjota, porque pela direção que o carro saiu do Iguatu festeiro é como se tivesse saindo mesmo do Iguatu, então foi uma distância mínima. Então quando a gente chegou lá, eu até relatei com as outras vítimas que teria sido naquele parque de vaquejada, porque no lugar que a gente tava, a gente ouvia um barulho de vaca como se fosse dentro de um curral de vaca, então foi nesse local pra depois, pra distância que a gente foi solto, rodou muito tempo, mais de meia hora, na mesma estrada que era só reta pra poder soltar cada um e eu fui o primeiro a ser solto, daí eu pensei que eu era o primeiro a ser morto, porque eles eram o tempo todo dizendo que iriam me matar primeiro. (...) Quando chegou lá no local, eles só jogaram a gente no chão, arrastaram até esse local lá e diziam muitos palavrões, dizendo que a gente merecia mesmo era comer aquelas merdas ali das vacas e pisavam nas nossas cabeças. E começou a sessão de tortura, lá foi tirada as nossas roupas, esse maqueiro chegou a bater, a dá tapa na minha bunda, tirar a minha cueca e urinar em cima da gente, cada um que chegava e pisava e dizia as coisas, sempre dizia 'doutor, o que a gente faz agora?' Cada um que chagava espaçava. (...) Eu fui identificando as vozes do Demir, do Theoginis, do maqueiro, na hora lá que tavam me agredindo eu até pedia pra eles parar citando os nomes deles, aí eles mudavam o tom de voz e diziam 'aqui não tem Theoginis e nem Demir.' (...) Na hora lá dava pra ver algumas coisas porque eu tentava levantar a cabeça, aí eles pisavam na em cima da minha cabeça pra eu não olhar. (...) Eu identifiquei o Theoginis, o Demir e o maqueiro, os outros não deu pra identificar por conta dos faróis dos carros. O Bandeira também dava pra identificar, porque eu conhecia uns por voz e outros quando eu levantava a cabeça. (...) Eles não se tratavam entre si pelo nome. (...) Eu confirmo que estava o Bandeira, o Francisco Aldemir, o Theoginis, o Itailton e o Juliene eu não conhecia. Meus outros colegas conseguiram os identificar porque lá era tipo assim, cada um tinha o seu pra espancar, então os meus colegas chegaram a relatar que foi o Itailton e o Juliene que **espancaram** eles. Eu **identifiquei** os **que me espancaram**. E o

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

Cícero Santiago e o Zilmar eram os maqueiros. (...) Eles me soltaram depois do Bairro Alto, acho que na Vila São Pedro, nessa estrada de terra aí eu saí correndo por dentro dos matos, só sei que eu fui sair perto do motel que tem perto da estrada do São Pedro. E depois saí pedindo socorro, sem êxito, a sorte foi um senhor numa casinha de táipa que me socorreu e já tinha socorrido mais duas vítimas, o Valdenio e o irmão do Valdenio (...) Os meninos me falaram que antes de tudo aquilo acontecer, eles foram antes na delegacia e que lá o escrivão falou que não era crime e que eles tavam em liberdade. E eles disseram que quando sentaram no banco, o Bandeira disse que dava uma carona, que iria deixar eles. Quando os meninos falaram isso pra mim, eu até falei que eles tiveram a oportunidade de não ter passado por nada daquilo e que eu sendo eles jamais aceitaria carona do Bandeira. O Bandeira disse na delegacia que iria dá carona aos meninos, nessa carona levou os meninos lá pra onde a gente tava pra eles serem espancados também. (...) Eu tomei conhecimento das filmagens da delegacia, mas só consegui ver depois de um mês, isso eu já tava morando em Fortaleza com o Vicente, a gente já tava quase um mês trancado dentro de casa com medo de sair porque a gente recebia ligações, a minha família também, recebendo ameaça, então a gente decidiu ficar incomunicável com todo mudo, a gente não saía nem do condomínio. Até hoje eu não consigo ver o vídeo inteiro deu chegando na delegacia, porque começo a chorar, machuca demais, nos faz relembrar tudo que passou, porque as pancadas não doem tanto quanto o psicológico, porque psicologicamente a gente também foi muito torturado. No momento que você está ali deitado, apanhando ao lado dos seus amigos e a pessoa dizendo que acabou de atirar no seu amigo e você ouve os tiros e acha que você é o próximo a ser morto, a sua vida passa assim em questão de segundos. (...) Eles ficavam batendo no Vicente, ele gritava muito, eles falavam que eu era o próximo a morrer. Até hoje o que mais dói dentro de mim é o psicológico, porque eles nos torturaram tanto psicologicamente com pancadas e ameaças. Essas bancadas eram chutes, pontapés, pedaço de madeira e até hoje eu sofro com problema na coluna. **Passci** muito tempo

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

fazendo tratamento porque fiquei com fraturas, eu fui muito espancado, arrastado e até hoje sofro com isso, porque não consigo arranjar emprego, pegar em peso e eles ainda urinaram na nossa cara. (...) Essas ligações que a gente recebia era nos ameaçando dizendo que era pra gente dizer que tudo era mentira, que era uma farsa, que eles sabiam aonde a gente tava, inclusive teve um dia que eu tava almoçando com Vicente e ele recebeu uma ligação que diziam saber aonde a gente tava naquele exato momento e que iriam nos buscar. Eu e Vicente saímos do restaurante sem nem pagar, saímos desesperados, correndo, porque a gente tava certo que essas pessoas estavam em Fortaleza atrás da gente. Eu passei meses dentro de casa, amedrontado, até mesmo quando eu arrumei um emprego no HGF, eu não tocava nem no assunto porque eu tinha medo e quando as pessoas tentavam me reconhecer eu mentia com medo de ter algum parente deles l, a gente era todo tempo amedrontado. Eu ficava direito trocando o chip do meu celular, cheguei até a fazer um BO. (...) Lá na tortura tinha muita, muita gente mesmo, aí eu não conseguia identificar todos. (...) Eu conhecia o Theoginis e o Demir porque eu trabalhei na prefeitura em campanhas políticas para o doutor Zé Ilo como pro ex prefeito de Iguatu e depois das campanhas ficavam com as promessas que iriam me dá um emprego e eu ficava só prestando o serviço, porque eu trabalhava nessa parte cultural aí quando aparecia serviço eu ia. Depois disso, depois que eu fiz um natal de luz em Cariús, doutor Zé Ilo chegou a ver e gostou, então mandou me chamar pra poder eu trabalhar na prefeitura e aí ia ter essa reunião no dia seguinte, já tinha entregado toda a minha documentação. (...) Foi o doutor Marcelo que arrumou esse emprego na HGF pra mim. (...) Eu cheguei na delegacia era uma 05:30 pra 06:00 horas, os policiais mandaram eu sentar e aguardar, esperar chegar o escrivão, eu esperei até umas 08:00 horas foi quando foi colhido o depoimentos de todos e feito o exame em cada um. (...) Eu não tinha conhecimento do conteúdo dos panfletos, só soube do que se tratava depois dos fatos, que os panfletos era sobre uma suposta fraude na assinatura de umas carteiras e que o Vicente os fez a mando do doutor Marcelo. Esses panfletos envolvia o

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

doutor José Ilo, que era prefeito de Quixelô, e Agenor, que era prefeito de Iguatu. (...) A gente acha que quem falou desses panfletos foi o Lucas, porque só o Lucas que ficou sentado lá, perto desse carro, eles faziam todas as perguntas direcionadas ao Lucas. Que depois do fato a gente até comentou que tinha sido alguém do grupo, até porque nós quatro fomos espancados demais e o Lucas não, levaram os nossos pertences, tiraram as nossas roupas e a do Lucas não, parece que a família dele tem parentesco com eles, então a gente ligou uma coisa com a outra. (...) [...]"

Além desta, em sede de audiência, foi ouvida a vítima, Valdenio Augusto Freire, que disse, em síntese:

[...] “Eu fui convidado pelo Vicente pra gente entregar um informativo e que a gente se encontraria na Matriz. Na pizzaria Paulista, estávamos lá reunidos, chegamos nem sequer a tirar o material da embalagem para entregar, quando a gente desce na rua da Antena Sul FM, a gente é abordado já por duas pessoas de moto, na qual empina a moto derrubando Vicente e agredindo ele com uma capacetadas, eu e meu irmão conseguimos correr até a pizzaria Paulista para comunicar os outros demais que estavam lá aguardando a gente, e comuniquei que eles tinham pegado o Vicente. Foi quando a gente se deparou com o Bandeira com uma pistola na mão, em punho, com a pizzaria cheia de gente, cliente e tudo, mandando a gente entrar no carro “entra vagabundo, entre no carro agora”, aí eu disse que não iria entrar no carro, foi quando chegou o Potó, e os demais em outro carro. (...) Eles colocaram a gente dentro de um Pálio prata e levaram até à delegacia de polícia civil, chegando lá tinha um policial de plantão, ela falou que não tinha argumento nenhum pra manter a gente preso, não tinha prova, não tinha nada, daí o Bandeira pegou e falou pra gente entrar novamente dentro do carro, sem esse policial de forma alguma fazer nada. O Bandeira colocou a gente no carro e os demais já estavam esperando, têm as filmagens deles em moto, eles todos armados com arma de fogo. E nos levaram ao antigo **Iguatu Festeiro** na avenida **perimetral**, onde já chegamos



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

lá e se encontravam o Bibi e o Vicente amarrados num pé de manga, já estavam amarrados com camisas no rosto, sem roupa. E quando chegamos lá foi descendo do carro e pedindo para nós amarrar a camisa no rosto “tira a camisa e coloca no rosto, num fala nada”, tudo que a gente tinha na carteira, celulares, relógio, eles pegaram tufo da gente. Colocaram a gente num carro de lá o Bairro Alto, nos dando coronhada, passando a arma em nosso rosto e diziam “vocês vão morrer bando de vagabundo, vou matar vocês” e no percurso o carro parava, abriam algumas cancelas, parando e abrindo, que a gente não tinha visão nenhum ao chegar no terreno lá, eles iam tirando de um por um do carro, com soco, pontapé, e saia arrastando a gente pelo terreno pelos dois pés, quando desceram todos eles e pisavam na nossa cabeça, pulando em cima da gente, e o Bibi falava “Demir, não faça isso com a gente, trabalhei na prefeitura” e ele mandava o Bibi calar a boca, chamava ele de vagabundo e falava que ele ia morrer agora. Foi a hora que a gente ouviu o disparo, eu até pensei que ele tinha matado o Bibi, todo tempo ele ameaçando que ia matar a gente, jogar dentro do açude, sei que foi várias horas de tortura, urinaram na nossa cara. A gente via que eles tavam gravando, riam muito, e desculpe a expressão, mas eles peidaram na nossa cara, faziam de tudo. Todo tipo de tortura eles fizeram na gente, murro, pontapé, após isso aí eu passei uma semana quando ia cuspir saia sangue pela boca. (...) Eles colocaram a gente no carro novamente e saíram na estrada de chão. O carro em movimento e eles iam jogando um por um pra fora do carro, eu vim encontrar meu irmão com mais de 200 metros de distância pra gente sair na pista no Bairro Alto, daí a sorte foi que encontramos a casinha de um senhor que ajudou a gente. (CHORA). Meu maior medo era ele matar meu irmão porque ele não tinha culpa alguma, só convidei ele para ir, pra gente ganhar o dinheiro pra comprar as coisas para casa, porque a gente mora com minha mãe, não tenho pai, e quando fomos chagando em casa fomos para delegacia em torno de uma 04:00, 05:30 da manhã, meu maior medo era que minha mãe visse aquelas marcar. Fiquei em casa uns dois ou três dias até sair a notícia, mas eu não tirava a roupa a

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

roupa na frente da minha mãe com medo dela ver aquelas marcas, até que minha irmã descobriu, saiu na rádio, as pessoas comentando. No tempo eu fazia faculdade de História e minha maior perda disso tudo foi minha faculdade, passei seis meses sem sair na rua, com medo todo instante e com ameaça, pessoas a todo instante soltando piada, principalmente nas ruas, tive que me afastar de tudo e de todos, principalmente da minha família, que a todo instante eles podiam matar a gente, daí pra cá, até hoje, eu tenho até dificuldade de conseguir emprego em Iguatu por conta disso. Nem no Regional eu ia, sentia muitas dores nas costas, nas costelas, eu não ia porque tinha dois deles que trabalhavam no Regional e eu tinha medo de ser surpreendido por eles no Regional. Perdi minha faculdade, perdi tudo. (...) As pessoas que foram à pizzaria a convite para distribuir os panfletos foram: eu, meu irmão, o Bibi, o Vicente e o Lucas, e tinha o Marcos Vinícius, que conseguiu fugir, se escondeu dentro do banheiro na hora, mas quem foi pego foi só nós cinco. (...) Ia eu, meu irmão e o jornalista, e os outros foram na pizzaria pra ser dividido lá, foi quando pegaram o Vicente. Eu voltei correndo pra pizzaria, o Bibi foi pego na pizzaria, pegaram o Vicente na rua da Antena Sul, deram uma volta na Praça e já pegaram o Bibi e levaram os dois pro antigo Iguatu Festeiro (...) No momento em que foi pego o Vicente, eu saí correndo pra pizzaria com meu irmão pra comunicar aos outros, ao chegar lá só me deparei com o Marcos Vinícius, o Bibi já não estava mais lá, foi na hora que fomos levados pra delegacia e quando chegamos lá no antigo Iguatu Festeiro, se encontrava o Bibi e o Vicente já amarrados. (...) Foi um motoqueiro que abordou o Vicente, empinou a moto nas costas do Vicente e o derrubou e depois começou a agredir ele com um capacete, daí foi o momento que eu comecei a correr com meu irmão. Eu não vi direito o momento que o Bibi foi abordado porque eu corri, só vi o Vicente (...) Quando eu cheguei na pizzaria só se encontrava o Marcos Vinícius e eu perguntei pelos meninos, ele disse que os meninos tinham acabado de sair. Eles pegaram o Vicente, foi na hora que as pessoas se levantaram para ver o que é, foi na hora que o Bandeira **desceu** com uma arma em punho e

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

mandou a gente entrar no carro. (...) Além do Bandeira, vi o Demir, o Theoginis tava no outro carro atrás e o Potó numa moto. O Theoginis só vi no antigo Iguatu Festeiro, que ele estava lá com os meninos. Na pizzaria só foi pego eu, meu irmão e o Lucas, o Marcos não foi pego porque ele se escondeu no banheiro e fechou a porta por dentro. Da pizzaria fomos direito pra delegacia e o Bandeira mandou a gente ficar no banco, falou com um policial lá e a gente entrou, aí o policial falou que não tinha argumento pra manter a gente preso. Chegando na delegacia o Bandeira mandou a gente ficar no banco e entrou só, no pátio, falou com o policial lá, e mandou a gente entrar, aí a gente entrou, aí o policial disse que não tinha argumento pra manter a gente preso e mandou a gente voltar. Lá o circuito interno viu todo movimento lá de carro, moto, foi na hora que eles colocam a gente no pátio e levam pro antigo Iguatu Festeiro. (...) Na hora que eles levaram a gente pra delegacia tava no carro o Bandeira e o maqueiro, mas não sei o nome dele, e nós três. Batiam todo tempo na gente. Não sei dizer qual era dos maqueiros, mas só podia ser o Santiago porque o Potó tava na moto, tem até as filmagens que eles aparece de moto na delegacia. (...) Assim que a gente chegou no terreno do Iguatu Festeiro, foi uma cena bem breve, o que eu vi foi o Bibi e o Vicente amarrado, e o Theoginis já tava lá já. Eles mandaram a gente tirar a camisa, amarrar no rosto, daí, pronto, só vi quando eu encontrei o meu irmão na hora que eu fui arremessado do carro. A gente foi muito espancada, muito mesmo, foi muito chute na costela, nas costas, urinaram na nossa cara. No Iguatu Festeiro colocaram todos dentro do carro e ficaram nos batendo, passando a arma na nossa cara, ficavam dizendo que iam atirar, que o primeiro açude que achassem na estrada, iam matar a gente, jogar a gente dentro, certo?! Diziam que a gente era um bando de vagabundo, humilhou o tanto que pode, levou todos os nossos pertences, celular, carteira, o que a gente tinha eles levaram. (...) Ainda no Iguatu Festeiro, reconheci o Theoginis, tinha visto o Demir já na pizzaria Paulista, e também vi ele lá, tinha muitos carros lá, dava pra ouvir os carros parando, o **barulho** dos carros **chegando**, de moto. Num era só um **carro**, era de dois a

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

três carros. Eles desceram porque eu ouvir as portas batendo, e todo tempo eles ficavam no telefone “e agora, doutor, o que a gente faz?”, todo tempo eles eram orientado por uma pessoa pelo telefone, perguntando qual era o trajeto, pra onde levava a gente, o que iria fazer com a gente “e aí? Vamos fazer o que com esses vagabundos? É pra matar? É pra jogar no açude?” Todo tempo eles tavam sendo orientado por uma pessoa no telefone. (...) Vi o Theoginis, o Potó já estava lá e o Bandeira, foi uma cena muito rápida lá, porque eles não deram tempo, distância alguma da gente ver ninguém, já foi descendo e amarrando pano, que era as nossas próprias camisas, e lá a gente ficou sem roupa, totalmente sem roupa, foi o tempo que eles desamarrou os meninos e colocou a gente no carro. A gente não desceu do carro, quando soltaram os meninos e colocaram tudo num carro só, tudo imprensado. Nesse carro que ia com a gente era o Bandeira, nessa hora eu já não via mais ninguém, e a pessoa do banco do passageiro da frente que ia se comunicando pelo telefone. Iam sete pessoas no carro, eu e meus amigos no banco de trás, todos em cima um do outro, e o Bandeira e o outro na frente, que recebia orientação pelo telefone enquanto o Bandeira dirigia. O nosso carro tava sendo seguido por outros, eles ficavam se comunicando, dando sinal de luz, seta. (...) Eles ficavam perguntando quem tinha mandado a gente distribuir aqueles panfletos e todo tempo a gente falou que tava entregando com o Vicente, foi até num momento que um deles ficava “vai cara! Fala! Tu é de Iguatu mesmo?” aí Vicente dizia que era, então eles mandaram Vicente dizer o nome de treze ruas, aí Vicente perguntou qual a necessidade. Foi aí que a gente escutou o barulho do cinto, os estalos, que eles tiraram o cinto e começaram a sorrar a gente com cinto. A gente via que eles tavam gravando, riam muito, urinavam na nossa cara, eles peidavam na nossa cara. Toda hora eles ficavam trocando ligações. (...) Bibi trabalha com decorações de eventos, então ele conhecia todos que trabalhavam na prefeitura, então como ele foi o primeiro a ser pego com Vicente, ele deve ter reconhecido pelas vozes e ele ia pedindo “para fulano, para cicrano” e foi na hora que ele disse “quem citar nome aqui vai morrer”,



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

isso tanto o Demir quanto o Theoginis falava isso, porque o Bibi os conheciam. (...) No Bairro Alto, eles foram tirando de um por um do carro, espancava, puxavam pelas pernas no terreno barroso, com pedra, e saía arrastando e jogando, aí eu vi quando bateu a porta, que foi o último que desceu. A agressão iniciou-se desde o momento que a gente desceu do carro, eles disparavam pra cima, quando tiraram um por um metiam a 'pea' na gente, nos colocaram um pertinho do outro, pegavam nas nossas pernas e saíam arrastando pelo terreno, pulando nas costas da gente, chutes na nossa costelas, chute no rosto, depois juntou a gente ainda mais perto e começou a urinar no nosso rosto e a gente percebia que eles tavam gravando, tinha muita formiga, o chão molhando de mijo. O local lá era como se fosse um campo aberto. Eles ficavam ameaçando, dizendo que iria matar todos nós e no primeiro açude que tiver iria jogar a gente dentro. Nesse hora não cheguei a ver ninguém porque o meu rosto estava totalmente coberto com a camisa, mas ouvia vozes. (...) Depois de toda essa tortura, eles nos pegaram, jogaram a gente no carro e jogava de um por um na estrada, isso com o carro em movimento. Me jogaram em cima de uma cerca de arame, em fotos o senhor pode ver meu braço todo corta. (...) Depois que eu encontrei o meu irmão, ele foi a primeira pessoa que eu reencontrei, ainda tivemos que passar umas cinco cerca de arame no escuro pra chegar na rodovia. Os outros eu só encontrei no dia seguinte, no mesmo dia, só que mais tarde da manhã. (...) A primeira imagem que eu vi foi de um senhor, numa casinha, que a gente bateu na porta, aí ele abriu a porta, ele, a esposa dele e a filha, aí perguntou o que tinha acontecido aí na hora lá eu disse que a gente tinha acabado de ser assaltado, porque a gente tava com medo porque tava passando muito carro na pista e se dissesse que a gente foi sequestrado, espancado, podia eles quererem botar a gente pra correr de lá e aí eu disse que a gente foi assaltado. Daí, ele mandou a gente entrar pra dentro de casa, a casinha era bem pequeno, daí entramos pra dentro aí ele deu um short ao meu irmão e me deu uma camisa, o senhor pode até ver nas fotos a camisa enrolada, aí ele disse pra gente ficar lá e não sair, então ele saiu pra **estrada** e ficou lá até



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

passar uma viatura, foi quando veio uma viatura da polícia militar, que ele parou a viatura, aí a gente veio da casa dele e entrou na viatura e fomos pra delegacia. (...) O Vicente já estava próximo a Mangueira, aquela lá, quadra da mangueira, e veio sim junto com a gente, a mão dele tava todo cortada, ele tava muito machucado, cheio de sangue, encontramos ele quase caído na beira da pista. O Lucas foi um dos primeiros a ser socorrido. O Bibi foi bem por último, foi bem tarde da manhã. (...) Todos nós ficamos muito machucados, como falei pro senhor, eu passei dias cuspidando sangue, saia bolas de sangue, e eu não tinha coragem de ir no Regional com medo de apanhar deles lá, mas o Bibi foi um dos que ficou mais machucado, o senhor pode ver pelas imagens que quando ele chegar lá quase sem conseguir andar. (...) Depois que isso aconteceu a gente continuou recebendo ameaça, passava carro da prefeitura altas horas da noite, Fiat uno em frente a minha casa, passava sempre de vidro fechado, daí eu parei minha vida toda, parei tudo, não fazia mais nada, não ia pra faculdade, não tinha mais vontade de sair, eu tinha medo. (...) Eu passava noites sem conseguir dormir, quando eu dormia era como se eu voltasse pra aquilo tudo, tudo de novo, tudo do começo. (...) Na pizzaria Paulista eu vi o Bandeira, o Demir e o Potó, na delegacia vi o Bandeira e o Potó, mas tinha outras pessoas lá, seguiram o carro que a gente foi, tem nas imagens lá. O Theoginis vi lá no terreno do antigo Iguatu Festeiro. O Itailton eu não conheço, por nome não conheço. O Cícero eu vi, é o maqueiro, né?! Porque foi ele quem jogou a moto em cima do Vicente. O Vilmar eu não vi, pode ter chagado depois até porque chegou muitos carros lá no terreno do Iguatu Festeiro, ele por nome não conheço, mas já vi ele, já prestei serviço na pizzaria da irmã dele, se ele chegar eu o reconheço. (...) Na época o Vicente me procurou pra gente distribuir os panfletos, ele iria me pagar R\$ 30,00 (trinta) reais, como a gente era amigo, eu topei. Já o meu irmão fui eu que chamei. (...) O conteúdo dos panfletos só vim saber depois dos fatos até porque as embalagens nem chegaram a ser abertas. Depois tomei conhecimento que era sobre umas carteiras que foi assinada a troca de voto na cidade de Quixelô, do ex prefeito Agenor Neto.



MPCE
Ministério Público
do Estado do Ceará

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

Paulista, aí parou o carro o Potó, o Bandeira e mais três, um pálio preto, aí pegou nós levou nós lá pra onde faz o Iguatu Festeiro, aí quando chegou lá os meninos já tavam amarrados, o Bibi e o Vicente apanhando lá, aí quando chegou lá eles tiraram nós do carro e começaram a espancar, aí uns davam chute na costela, na cabeça, aí depois pegaram nós e levaram pro Bairro Alto, aonde tiraram todas as roupas nossas, os pertences tudo e jogaram nós lá depois de espancar, aí nós fomos acolhidos por uma casinha lá de um senhor. Lá foi tortura, nós apanhamos de cinto, eles pisavam na nossa cabeça, dava coronhada de pistola, ameaçando nós direto que ia matar nós, aquela tortura psicológica na cabeça da pessoa. Além dessa tortura psicológica, tinha a tortura física, chute, pistola, pisava na nossa cabeça, mijavam na nossa cara, davam de cinto em nós. A tortura foi grande nesse dia. O Vicente que contratou nós pra soltar os folhetos. Na hora da tortura eles ficavam perguntando toda hora quem era o mandante que mandou a gente entregar os folhetos, aí a gente falou que tinha sido o Vicente que tinha contratado nós pra soltar os folhetos. (...) Quem resgatou nós foi a polícia militar, eles soltaram a gente em lugares diferentes, o carro ia andando e eles jogando a gente, rebolando igual se rebola lixo no meio da rua, nós nu, sem nada. Rebolaram eu primeiro, aí depois rebolaram meu irmão com mais de um tempo. A gente tava nu, despido, sem cueca, levaram tudo nosso. Aí quem nos deu um short foi um senhorzinho que ajudou a gente, aí a gente falou pra ele o que tinha acontecido. (...) O Bandeira tava num pálio prata, preto, que pegaram a gente na matriz e os outros tavam num Fiat uno e nas motos, que como nós era cinco, eles foram divididos pra pegar tudo numa vez só, só que nós 'corrimos' pra praça da Matriz e fomos lá pra Paulista se esconder lá. O Vinícius tava mais nós, ele tava na Matriz mais nós, mas só conversando. Na pizzaria chegou o Bandeira, o Potó e mais outro que eu não sei o nome dele, aí desceram tudo armado com pistola na mão, já mandando nós entrar no carro, que se nós não entrasse ele ia atirar em nós lá, nessa hora a gente tava dentro da pizzaria e o Vinícius se **escondeu dentro do banheiro, por isso eles não pegaram o Vinícius porque**



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

ele se escondeu dentro do banheiro. (...) Levaram a gente primeiro pro terreno do Iguatu Festeiro e depois que levaram nós pra delegacia pra deixar a gente preso, aí depois que fomos no Bairro Alto. Eles nos espancaram lá no terreno do Iguatu Festeiro, depois levaram a gente pra delegacia, mas a gente não ficou preso, aí como não ficamos presos, eles levaram a gente pro caminho do Bairro Alto. Na Paulista assim que a gente entrou no carros, já começamos a ser agredido, murro, chute, tavam pistolada na nossa barriga, mãozada na cara e sempre falavam pra gente não olhar pra eles senão eles matavam a gente. Eu identifiquei o Potó, o Bandeira e tinha um moreno. Na delegacia ele queria que a gente ficasse preso, mas o policial, o Júnior, disse que não tinha justificativa pra manter a gente preso porque a gente não tava cometendo nenhum crime. Arrancaram nós de lá e levaram. Assim que nós chegamos na delegacia, nós ficamos no banco, na parte de fora, e depois nós entremos, acompanhamos ele. Depois nós saímos de novo. Quando nós saímos da delegacia, nós já fomos pro Bairro Alto. (...) Tem muita coisa que eu não lembro, o tanto de tempo que faz, ou então acabo confundindo, porque bateram tanto na minha cabeça, por isso fala tanto 'nós' e acabo esquecendo das coisas. (...) O Vicente e o Bibi já tavam amarrados num poste quando a gente chegou lá e tavam vendados, porque eles amarraram a camisa na cara pra não ver quem era. (...) Lá no terreno do Iguatu Festeiro eu reconheci o Potó e o Bandeira, os outros por nome não sei quem é, mas se eu ver eu reconheço. Eu também cheguei a ver o Demir lá, o Theoginis também, e tinha outros de peruca que não dava pra ver. E no Bairro Alto eu cheguei a ouvir o nome do Demir e do Theoginis, eles tavam conversando direto dentro do carro com o Bandeira, tipo, como se fosse eles recebendo ordens do que se faria com nós. (...) O que tavam com nós, eu, meu irmão e Lucas, era o Potó, o Bandeira e outro que não sei quem é. Nós três fomos no mesmo carro, aí ia no carro, que eu vi, era o Potó, o Bandeira e mais um moreno, quem tava dirigindo o carro era o Bandeira, o Potó tava com nós atrás e o moreno no banco do passageiro na frente, junto com o Bandeira. Esse moreno eu acho que tá lá fora, vi ele **conversando** com o Potó na hora

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

que eu fui no banheiro, por nome eu não sei não, mas seu ver, eu conheço. No Bairro Alto só foi nós no carro e eles, lá só tinha o carro que nós ‘fumu’, aí depois que a gente foi agredido, fomos deixados em lugares diferentes, jogados do carro, depois disso eu e meu irmão subimos até a pista por dentro do mato com medo deles voltarem atrás de nós de novo. (...) Eles se comunicavam a todo tempo no telefone, o Bandeira era a todo momento no telefone, tanto fazia as ligações como recebia, mas eu não sabia com quem era, né?! Era recebendo instruções pra saber o que fazia com a gente. (...) Eles chutavam a gente, davam coronhada na nossa cabeça, urinaram na gente, batiam na gente com cinto, com chinela, pulavam em cima de nós, de to jeito. Isso tanto comigo como com os demais. Ameaçando matar nós, a jogar dentro do açude, isso era direto. E ficavam perguntando quem foi que tinha mandado a gente fazer aquilo. (...) De nós cinco, eu acho, que o que mais ficou lesionado foi o Vicente, nós ficou lesionado nas costas, eu tenho uma cicatriz aqui na mão, mas eu acho que o mais torturado foi o Vicente também. (...) Depois do que aconteceu, eu passei uns seis meses sem sair de casa, eles passavam direito em frente a minha casa, altas horas da noite, fazia ameaça, nos intimidava colocando a mão na cintura, aí eu tinha medo de sair, de estudar, não arranjei mais emprego (CHORA) (...) Eles passavam em frente a nossa casa, fazendo gestos, não podia sair na rua, eu tinha uma moto e eles prenderam ela, até hoje ela tá presa, ando a pé, não consigo emprego, eu tenho um filho pequeno, que é doente do coração, minha vida acabou, acabou-se tudo. Até hoje o pessoal zomba de nós, que nós ‘apanhemos’ e não deu nada, que o pessoal fica é achando graça de nós quando nós passa, nós só serve de palhaçada pros outros, os outros fica fazendo hora da pessoa (CONTINUA CHORANDO) (...) Eu vi o Bandeira, eu queria que ele tivesse aqui pra eu falar na cara dele tudo que ele fez comigo, o Demir também vi, tava lá no Iguatu Festeiro, o Theogenis quando eu olhei, eles me deram um chute na cabeça pra eu não olhar, o Potó e Bandeira. O Itailton eu não conheço por nome, mas quando vi ele aqui reconheci, ele é o moreno, o Cícero Santiago eu não cheguei a ver, mas os

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

meninos viram ele, o Zilmar eu não cheguei a ver não e também não ouvir falar que as outras vítima tenha falado. (...) Eu não sei o que tinha nos panfletos porque nós nem chegamos a abrir, o Vicente me chamou pra soltar esse panfletos e ia me pagar R\$ 20,00 (vinte) reais (...) Quem mais pisou em cima da minha cabeça foi o Potó, Bandeira deu muito chute nas minhas costelas (...) Lá na delegacia o policial que tava de plantão, acho que o nome dele é Marcelo, viu a gente, mas não chegou a ver nossas lesões porque ele ficou afastado conversando com o Bandeira. (...) Esse local no Bairro Alto é tipo uma fazenda, acho que lá tinha umas plantações de goiaba, aí na hora que eles tavam me batendo ficavam perguntando o que tinha nos panfletos e eu não dizia nada por que não sabia, até porque eu não sei ler. Iam me matar de 'pea' por que não sei ler. (...) Eu fiquei lesionado nas costas, costelas, no olho, na mão, fiz exames, fiquei com muitas dores nas costas, até hoje eu sinto dores. Eles levaram meu celular, camisa, tênis, cueca (...) Depois de tudo voltei pra delegacia com os policiais. (...) [...]"

Neste sentido, é firme, claro e uniforme o relato das vítimas, as quais narraram unissonamente os momentos de pânico, horror, sofrimento físico e moral que passaram naquela madrugada nas mãos de seus algozes.

Ademais, os réus, ouvidos em mídia audiovisual, negaram o cometimento do crime e que desconhecem quem são às vítimas. No entanto, tais alegações são completamente contrárias às provas constantes nos autos, as quais comprovam que estes participaram da prática criminosa.

Vistas disso, as imagens obtidas pelo sistema de filmagens da Delegacia de Polícia, registrando os passos e momentos de parte das vítimas e de alguns dos acusados, antes e depois da tortura, reforçam e fortalecem o conjunto probatório quanto a efetiva ocorrência das práticas criminosas do sequestro e da tortura, bem como a participação dos acusados.

Quanto aos depoimentos das vítimas, estes possuem relevante validade probatória, vejamos entendimento jurisprudencial nesse sentido:

1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

EMENTA: APELAÇÃO CRIMINAL - TORTURA - ABSOLVIÇÃO - IMPOSSIBILIDADE - MATERIALIDADE E AUTORIA COMPROVADAS - PALAVRA DA VITIMA - RELEVANTE VALOR PROBATÓRIO - PROVA TESTEMUNHAL ROBUSTA. Impossível a absolvição do réu pela prática do crime de tortura, quando a condenação se sustenta em um arcabouço probatório suficiente para comprovação da materialidade e autoria delitivas. **Nos crimes de tortura, a palavra da vítima é de relevante importância, ainda mais quando corroborada por depoimento de outras testemunhas.** (TJ-MG - APR: 10024081208860001 MG, Relator: Valéria Rodrigues Queiroz, Data de Julgamento: 28/07/0020, Data de Publicação: 07/08/2020)

Assim, os depoimentos firmes, claros e uniformes das vítimas, as quais narraram com precisão cada momento de pânico, horror, sofrimento físico, moral e psicológico que passaram naquela madrugada nas mãos dos réus são provas suficientes para embasar a condenação dos acusados.

Por fim, em relação aos crimes previstos nos arts. 129, caput e 163, parágrafo único, I, todos do CP, houve a extinção da punibilidades dos réus Francisco Aldemir Alves Amorim, Theogenis Matins Teixeira Florentino, Juliene Bernardo da Silva, Cicero Santiago Alves de Lima e Antonio Zilmar da Silva, com base nos arts. 107, inciso IV e 109, inciso V e VI, todos do Código Penal.

Vistas disso, houve o prosseguimento do feito para apuração dos delitos dos arts. 148 §2º e art. 1º, I, "a" e §4º, I e III da lei 9.455/97 para os **acusados supracitados.**

4 - CONCLUSÃO E REQUERIMENTOS FINAIS:

DIANTE DO EXPOSTO, requer-se a procedência parcial da denúncia, tendo em vista à extinção da punibilidade referente aos crimes dos **arts. 129, caput e 163, parágrafo único, I, todos do CP**, em relação aos acusados **Francisco Aldemir Alves Amorim, Theogenis Matins Teixeira Florentino, Juliene Bernardo da Silva, Cicero Santiago Alves de Lima e Antonio Zilmar da Silva**, com base nos arts. 107, inciso IV e



1ª Promotoria de Justiça de Iguatu

109, inciso V e VI, todos do Código Penal.

No que toca aos réus Francisco de Assis Alves Bandeira e Francisco Itailton Neves, estes faleceram, de acordo com às certidões de óbito acostadas nos autos, à fl. 439 e às fls. 1347/1348, respectivamente, dessa forma, com fulcro no art. 107, I, do CP, houve a extinção da punibilidade pelas mortes dos agentes.

Termos em que pede e espera deferimento.

Iguatu, 12 de outubro de 2023.

Leydomar Nunes Pereira
Promotor de Justiça

Artigo 148 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940

CP - Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940

Art. 148 - Privar alguém de sua liberdade, mediante seqüestro ou cárcere privado: (Vide Lei nº 10.446, de 2002)

Pena - reclusão, de um a três anos.

§ 1º - A pena é de reclusão, de dois a cinco anos:

~~I - se a vítima é ascendente, descendente, ou cônjuge do agente;~~

(Revogado)

~~I - se a vítima é ascendente, descendente, cônjuge do agente ou maior de 60 (sessenta) anos. (Redação dada pela Lei nº 10.741, de 2003)~~

(Revogado)

I - se a vítima é ascendente, descendente, cônjuge ou companheiro do agente ou maior de 60 (sessenta) anos; (Redação dada pela Lei nº 11.106, de 2005)

II - se o crime é praticado mediante internação da vítima em casa de saúde ou hospital;

III - se a privação da liberdade dura mais de 15 (quinze) dias.


IV - se o crime é praticado contra menor de 18 (dezoito) anos; (Incluído pela Lei nº 11.106, de 2005)

V - se o crime é praticado com fins libidinosos. (Incluído pela Lei nº 11.106, de 2005)

§ 2º - Se resulta à vítima, em razão de maus-tratos ou da natureza da detenção, grave sofrimento físico ou moral;

Pena - reclusão, de dois a oito anos.

Redução a condição análoga à de escravo

 Doutrina sobre este ato normativo



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 9.455, DE 7 DE ABRIL DE 1997.

Define os crimes de tortura e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Constitui crime de tortura:

I - **constranger alguém** com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental:

- a) com o fim de obter informação, **declaração** ou **confissão** da vítima ou de terceira **pessoa**;
- b) para provocar ação ou omissão de natureza criminosa;
- c) em razão de discriminação racial ou religiosa;

II - submeter alguém, sob sua guarda, poder ou autoridade, com emprego de violência ou grave ameaça, a intenso sofrimento físico ou mental, como forma de aplicar castigo pessoal ou medida de caráter preventivo.

Pena - **reclusão**, de dois a oito anos.

§ 1º Na mesma pena incorre quem submete pessoa presa ou sujeita a medida de segurança a sofrimento físico ou mental, por intermédio da prática de ato não previsto em lei ou não resultante de medida legal.

§ 2º Aquele que se omite em face dessas condutas, quando tinha o dever de evitá-las ou apurá-las, incorre na pena de detenção de um a quatro anos.

§ 3º Se resulta lesão corporal de natureza grave ou gravíssima, a pena é de reclusão de quatro a dez anos; se resulta morte, a reclusão é de oito a dezesseis anos.

§ 4º **Aumenta-se** a pena de um sexto até um terço:

I - se o crime é **cometido** por agente público;

~~II - se o crime é cometido contra criança, gestante, deficiente e adolescente;~~

II - se o crime é cometido contra criança, gestante, portador de deficiência, adolescente ou maior de 60 (sessenta) anos;
(Redação dada pela Lei nº 10.741, de 2003)

III - se o crime é **cometido** mediante seqüestro.

§ 5º A **condenação acarretará** a perda do cargo, função ou emprego público e a interdição para seu exercício pelo dobro do prazo da pena aplicada.

§ 6º O crime de tortura é **inafiançável** e insuscetível de graça ou anistia.

§ 7º O **condenado** por crime **previsto** nesta Lei, salvo a hipótese do § 2º, iniciará o cumprimento da pena em **regime fechado**.

Art. 2º O disposto nesta Lei aplica-se ainda quando o crime não tenha sido cometido em território nacional, sendo a vítima brasileira ou encontrando-se o agente em local sob jurisdição brasileira.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revoga-se o **art. 233 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990** - Estatuto da Criança e do Adolescente.

Brasília, 7 de abril de 1997; 176º da Independência e 109º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Nelson A. Jobim

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 8.4.1997

*